

**Docência na Educação Infantil: Reflexões sobre as Culturas Infantis no Momento das
Rotinas do Brincar**

*Teaching in Early Childhood Education: Reflections on Children's Cultures at the Time of Playing
Routines*

Altino José Martins Filho
Lourival José Martins Filho

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
Florianópolis – Brasil

Resumo

Este artigo, a partir do campo dos Estudos Sociais da Infância e das contribuições dos Estudos sobre Currículo, Didática e Formação de Professores da Educação Infantil, tem como objetivo central investigar como a produção das culturas infantis no percurso vida cotidiana das crianças entre si aparecem no momento das rotinas do brincar das instituições de creches e pré-escolas. O artigo é decorrente de algumas análises a partir dos registros de um professor de educação infantil e dialoga com as teorizações da Pedagogia da Infância no fazer-fazendo docência e educação. Nosso ponto de análise, que deseja ser crítica e reflexiva, passa a considerar a importância e a valorização das relações e interações que identificam as crianças como sujeitos produtores de uma cultura infantil. Uma cultura que tem mérito em si mesma e especificidade a ser conhecida e valorizada pela escola da infância. Essa é uma visão ainda recente, em uma concepção segundo a qual a criança é vista como sujeito de direitos numa dimensão histórica, social e cultural concreta e situada. Na esteira da pesquisa de Martins Filho (2020) nosso texto reafirma, que a docência no decurso da vida cotidiana precisa produzir experiências na vida das crianças e das professoras e professores, porém, tais experiências não cabem em uma folha A4, vão muito além da folha de papel, se fazem no fluxo das relações sociais.

Palavras-chave: Docência na Educação Infantil; Culturas Infantis; Rotinas do Brincar

Abstract

This article, based on the field of Social Studies of Childhood and the contributions of Studies on Curriculum, Didactics and Teacher Training in Early Childhood Education, has as its main objective to investigate how the production of children's cultures in the daily life of children among themselves appear at the time of play routines in daycare and preschool institutions. The article is the result of some analyzes based on the records of an early childhood education teacher, it dialogues with the theories of Childhood Pedagogy and the ways that have affected the doing-doing of teaching. Our point of analysis, which wants to be critical and reflective, starts to consider the importance and appreciation of the relationships and interactions that identify children as producing subjects of a children's culture. A culture that has merit in itself and specificity to be known and valued by the childhood school. This is still a recent view, in a conception according to which the child is seen as a subject of rights in a concrete and situated historical, social and cultural dimension. In the wake of Martins Filho's Thesis (2020) we close our text reaffirming that the doing-doing of teaching in the course of everyday life needs to produce experiences in the lives of children and teachers, however, such experiences do not fit on an A4 sheet, they go too far. beyond the sheet of paper, these experiences are carried out in the flow of social relationships.

Keywords: Teaching in Early Childhood Education; Children's Cultures; play routines.

Considerações Iniciais

A vida que as crianças vivem está diretamente atrelada a construção social que se faz da infância como categoria geracional. Na contemporaneidade, a infância como categoria geracional e construção social, nos proporciona um novo existir humano para as crianças e com as crianças. Um existir humano que não pode mais negar a existência das crianças nas relações e interações com seus pares. Relações e interações que as identificam como sujeitos produtores de uma cultura infantil. Uma cultura que tem mérito em si mesma e especificidade a ser conhecida e valorizada pela escola da infância. Essa é uma visão ainda recente, em uma concepção segundo a qual a criança é vista como sujeito de direitos numa dimensão histórica, social e cultural concreta e situada.

Neste artigo nosso interesse será refletir sobre a produção das culturas infantis no momento das rotinas do brincar. Em nossos estudos a categoria geracional infância e a inserção social das crianças como produtoras de culturas, emergem da necessidade de conhecer os saberes que as crianças possuem e constroem de si próprias, o que nos desafia a reconfigurar muitas das visões naturalizadas e a reconfigurar muitas das propostas pedagógicas e educativas que as instituições inventam para elas. Pensar a relação entre culturas infantis e docência na educação infantil implica, de antemão, afirmar nossa crítica em relação a escolarização compulsiva, abreviada e precoce no campo da infância.

A ideia central aqui é pensar a qualidade da educação infantil em contextos de vida coletiva, como creches e pré-escolas. Estruturando um cotidiano educacional organizado com um olhar atento para as crianças nos seus momentos de brincadeiras. Sabemos que pensar na qualidade da educação infantil, pode ser algo analisado por diferentes dimensões da formação docente, da proposta pedagógica local, do currículo oficial das políticas públicas no âmbito federal, da infraestrutura das instituições, das condições de trabalho e das experiências e relações estabelecidas entre as/os professoras/es e as crianças, também relações entre as famílias e a instituição. Nosso foco será a produção das culturas infantis, na tomada das crianças como sujeitos sociais e culturais, que produzem e atualizam a cultura. Sujeitos possuidores de um potencial de imaginação criadora nas relações e interações que estabelecem, sejam relações intrageracionais ou intergeracionais.

Esse reconhecimento da infância como categoria nos possibilitou construir uma perspectiva teórica no qual as crianças, convivendo e interagindo com as várias facetas da cultura humana societal – que denominaremos “cultural geral” – possibilita que elas por meio

das relações sociais também produzem uma cultura com elementos próprios da categoria geracional infância. Poeticamente podemos escrever que da mesma maneira que o músico brinca com o som em seus diversos ritmos, que o dançarino brinca com seu corpo ao compasso de uma determinada melodia e o escritor transforma palavras soltas em lições de vida, transformando e materializando pensamentos, as crianças que constituem o coletivo da escola da infância vivem a variação da cultura humana de forma imaginário e simbólica, mas não deixa de ser um processo criativa, expressivo, transgressor e autoral.

A criança como sujeito social não fica à mercê da natureza. Vislumbrar as crianças como produtoras de culturas infantis, é reconhecer que elas transformam e interagem a partir do contato com as coisas do mundo. As crianças se apropriam da cultura humana já produzida, mas atribuem sentidos e significados, construindo sua condição humana como ser social em sua dimensão individual e coletiva e, produzindo cultura, ao mesmo tempo que é produzida por ela. Para nós a cultura infantil materializa o pensamento e as criações das crianças entre pares. O conceito de culturas infantis apresenta aspectos importantes sobre as crianças que devem ser considerados nos estudos sobre a docência em educação infantil. Tal conceito inscreve as crianças em seu estatuto social, edificam sua identidade cultural e a capacidade de as crianças constituírem culturas não redutíveis totalmente às culturas dos adultos. Há um encontro das culturas infantis com a cultura dos adultos, porém há elementos próprios da categoria infância nas formas culturais das crianças entre si.

Ao lado desse olhar, somos movidos pelo desejo de significar o conceito de cultura como expressão de vida. Nos colocando abertos à todas as possibilidades, é um modo específico de ver, sentir, representar, simbolizar, criar, viver e relacionar-se com o mundo em que se está interagindo e convivendo. Portanto, exige que nos desvencilhemos dos preconceitos, e passemos a privilegiar códigos e significados simbólicos partilhados por sujeitos sociais de um mesmo tempo histórico, de uma mesma categoria geracional e de um mesmo espaço geográfico.

Boa parte da bibliografia correlata a diferentes matizes teóricas que se têm debruçado sobre o tema das culturas infantis, se unem a esforços de nos fazer repensar muitas das práticas em face das convenções sociais pautadas por uma visão de escola, ciência, comportamentos e formas de ser específicas quando se é criança, menino e menina. Mais do que romper, precisamos estruturar outras maneiras de fazer-fazendo a docência na educação

infantil. Em nossos estudos temos apontado uma docência muito além de atividades em folhas de papel ou preenchimento de apostilas para crianças pequenas. Isso nos leva a afirmar a necessidade de pensar práticas cotidianas com embasamento nas brincadeiras, mas com foco de atenção a registrar as possibilidades de criações e expressões múltiplas das crianças. Alertamos que isso não nos parece tão simples como se pode imaginar, devido uma cultura docente enraizada em parâmetros que não valoriza as brincadeiras das crianças, nem se aproximam das culturas infantis, tendo como alinhamento um currículo escolarizante, mesmo para os bebês! Este parece ser nosso maior desafio atualmente no contexto territorial brasileiro.

Neste contexto, buscamos compreender as crianças não como seres paralisados e limitados, homogêneos, engessados e enquadrados em um didatismo pedagógico, numa lógica anestesiada de controle e vigia, interditando momentos de descoberta e curiosidade, privando a criança de viver a diversidade cultural e a diversidade de expressão das diferenças. A educação infantil não pode ser encarada como preparação para a vida, pois é o espaço e o tempo em que as crianças vivem as suas próprias vidas. A educação infantil é o espaço e o tempo onde as crianças crescem e aprendem muitas coisas, mas com a vida e não para a vida! Essa ideia futurística da escola da infância precisa ser melhor problematizada. É, pois, necessário enfatizar que as instituições de educação infantil não são um lugar qualquer, elas são um lugar de encontro com a vida! Nesse encontro com a vida, temos a vida das crianças, vida viva, vida que pulsa e vida que se movimenta no seu viver!

O currículo prescrito, como aparato técnico, como uma obra de engenharia pedagógica e educacional se encarregam de impor arranjos estruturais para produzir um modelo monolítico de criança e escola. Nessa atuação sobre as crianças, no contexto da escola, muitas são as informações e as tecnologias, tudo engendrado para tornar as crianças anestesiadas, impossibilitando-as de terem experiências, de serem tocadas por algo, de sentir e conseqüentemente, de pensar por si. Para nós a escola de educação infantil não pode ser a escola do produto final, ela é a escola do processo de vivências que podem se transformar em experiências. Espera-se que as reflexões aqui apresentadas decorrentes de nossas andanças e pesquisas em Educação e Infância possibilitem novos olhares e processos nas práticas pedagógicas e educativas no âmbito da Educação Infantil e conseqüentemente na docência e pesquisa nas instituições formadoras de professores e professoras para a área.

A Produção da Culturas Infantis no Momento das Rotinas do Brincar

Quando se pretende socializar algumas considerações analíticas e propositivas a respeito da produção das culturas infantis, necessariamente temos que adentrar no movimento em que as crianças se encontram envolvidas no dia a dia, para nós esse movimento envolve as rotinas do brincar. Por meio de um acompanhamento comprometido com as manifestações culturais das crianças entre si, podemos dizer que as rotinas do brincar nos possibilitam conhecer e adentrar na dimensão mais específica da infância. O brincar permite as crianças construir um universo social e cultural para viver o que é próprio da infância. A brincadeira é um espaço de criação, expressão e manifestação social da realidade e das múltiplas possibilidades das relações entre pares. Em suma, por meio do brincar as crianças afirmam a sua própria ordem social infantil (FERREIRA, 2002).

Partindo do elemento brincadeira, a imaginação, as narrativas mais sublimes, os sentimentos, as expressões, a ludicidade, o faz de conta e o simbólico ganham vida e movimento no universo cultural “com”, “das” e “entre” as crianças. Aqui acrescentamos o “sobre” e o “para” as crianças, pois como professores estamos adentrando no universo das infâncias para produzir conhecimento e pensar a profissão: construir e viver a profissão professor e professora de educação infantil. Isso em dimensões variadas, contribuindo para a construção da teia que envolve o fazer-fazendo da docência no percurso do que temos chamado “minúcias da vida cotidiana” (MARTINS FILHO, 2020). Dimensões variadas, porém, sem abrir mão de tomar as crianças como sujeitos permanentes e privilegiados da ação docente. Uma noção de docência que não pretende colonizar, adultizar e consumir as linguagens infantis.

Seguindo o percurso de nossas reflexões, fomos nos conectando com as travessias realizadas nas rotinas do brincar. Das travessias fomos percebendo que as culturas infantis no brincar das crianças são como um tesouro para pensar a docência na educação infantil. Em uma posição de professor pesquisador, nosso olhar se posicionou e passamos a observar mais de perto as crianças entre si, as brincadeiras de pares. Em um sentido de dar visibilidade à voz do sujeito – criança – em pleno exercício de considerá-la sujeito produtor de cultura e história. No compasso de uma mesma sinfonia, passamos a registrar suas falas, expressões, movimentos, interesses, narrativas... As marcas das crianças no movimento da vida cotidiana passaram a ser registradas por nós.

Como ponto de ancoragem, na travessia do nosso percurso de análise e reflexão, iremos apresentar uma cena do cotidiano das culturas infantis, cena em forma de narrativas sublimes, traços e retratos das brincadeiras entre as crianças. Vejamos abaixo nosso registro:

Algumas crianças estão acordando, outras brincam livremente pelo espaço disponibilizado na sala de referência, o professor e a auxiliar brincam com um menino na mesa com jogo de memória. As crianças, Fábio, Maria Eduarda, Melina e Thiago estão brincando embaixo de uma mesa grande (neste local temos um espaço organizado para que as crianças brinquem de casinha), na definição dos papéis que cada um irá assumir na brincadeira de casinha, Fábio ficou sendo o papai, Maria Eduarda a mamãe, Melina a cozinheira e Thiago o médico (neste local são disponibilizados alguns instrumentos, simbolizam um consultório médico). Fábio, o pai, no desenrolar da brincadeira, chama o médico para atender seu filho que está doente (o bebê é um boneco negro), neste momento Maria Eduarda, a mãe, fica agitada, dramatizando está muito preocupada com o filho doente, Milena, a cozinheira, acalenta a mãe e oferece um pouquinho de chá, o médico chega com uma maleta e tira seu “escultador de doença” (estetoscópio), dizendo que o menino está com “dor de fome”, o pai rapidamente pega o menino, levanta a camisa e o coloca no seu seio para amamentar, a mãe insiste para que o pai continue amamentando a criança (Diário do Professor).

O tema do brincar no contexto da educação infantil não é novo e requer leituras sob diferentes perspectivas. É um tema que precisa estar sempre em voga, pois a docência na educação infantil precisa ser alicerçada no brincar das crianças. O brincar apresenta-se como dimensão indispensável e integrante do dia a dia dos contextos educativos da educação infantil. Temos uma noção que o conhecimento e a cultura com, das e entre as crianças passam pela forma que elas interagem com o mundo por meio da brincadeira.

Para Larrosa (2016) a brincadeira precisa ser uma experiência que possibilita a criança ser o sujeito ativo. Tomando o conceito de experiência e de vivência na filosofia, analisamos que no ato da brincadeira: a vivência é o professor e a professora que organizam, proporcionam e colaboram na sistematização, porém a experiência é algo marcado pela intensidade que a vivência toca a criança. Larrosa (2016) vislumbra a experiência como algo que nos passa, que nos acontece e nos toca, que é travessia e perigo, é movimento e movimentação incerta, algo que só os sentidos daquele que está brincando pode proporcionar. Sendo assim, a sensibilidade e a inteligibilidade do professor e da professora pode até interpretar, porém jamais sentir e decifrar. Por isso, quando a criança não é livre para decidir como brincar, não é ela quem brinca. A brincadeira é criação! A brincadeira

cria coletividades entre pares de criança! A brincadeira é experiência de ser livre para criar, sentir, experimentar e estar junto entre pares!

O brincar é uma dimensão do humano e que muito se faz presente quando se é criança. O brincar é uma das maravilhas quando se é criança. Sendo assim, as brincadeiras estão presentes em todos os empreendimentos do grupo infantil, dando um sabor indispensável – um toque especial, tornando especial a sua existência, possibilitando e experimentando o desenvolvimento da criatividade, estabelecendo interações e experiências em relação à produção das culturas infantis. De outro lado, se torna importante ressaltar que é preciso, efetivamente, romper com o mito da brincadeira natural ou cortada pela sistematização escolar em prol de um brincar didatizado. Um brincar moralizado ou para ensinar um conteúdo com fins em si mesmo.

Nosso ponto de reflexão são as crianças e suas produções, mas como professores e pesquisadores da e na escola da infância, não abrimos mão de pensar a docência em sua dimensão máxima de ampliação dos repertórios culturais, sociais, humanos e intelectuais das nossas crianças. Uma tarefa, função e papel da ação docente, porém sem apagar, impedir ou consumir as maravilhas do brincar das crianças entre si.

Não é à toa que muitas representações que se materializam em nos registros das culturas das crianças nas rotinas do brincar, estão em conexão com a cultura societal, com a cultura do universo dos adultos. O que nos faz pensar muito sobre o fazer-fazendo da docência. A preposição “sobre” e “para” as crianças, do universo da educação escolar, mesmo com o compromisso de ampliar os repertórios culturais para as crianças, não pode se entregar a uma forma de identificação única e de regulamentação no percurso das brincadeiras, impedindo que as crianças sejam tocadas por suas próprias experiências.

Cabe reafirmar, que a cultura infantil não é um produto acabado do grupo de crianças, não é algo natural que nasce com o nascimento das crianças. A produção cultural das crianças extrapola as identidades infantis que vão sendo experimentadas/sentidas pelas crianças, as instituições sociais (famílias, escolas, creches e pré-escolas) expressam relações e dimensões sociais e culturais que entram em conflito, contradição e dão conteúdo para as relações entre as crianças, isso não tem como ser extirpado do mundo infantil.

Em especial, nas brincadeiras que inventam, meninos e meninas demonstram que suas narrativas culturais vão sendo delineadas desde bebês, embora na infância seja bastante

possível a dimensão da transgressão. As crianças burlam regras, normas e condutas, isso é um dos sintomas de maior enfrentamento das crianças no contexto da escola de educação infantil. Essa é uma das nossas evidências e interpretações aqui, pois ao invés de entrarmos em confrontos, polêmicas, distanciamentos, abriremos dilemas e apagarmos as produções e construções das crianças, como professores e professoras, temos que nos encarar como profissionais que se reconheçam engendrados e encaminhar aquilo que meninas e meninos sinalizam em suas rotinas do brincar. Vejamos as análises do nosso registro!

Interpretamos como construção e produção das crianças a possibilidade do pai amamentar o filho, mesmo a mãe estando na cena e ser a pessoa em nosso contexto sociocultural, por razões essencialmente biológicas, a que exerce essa função. Mas esse não é o produto final dessa rotina do brincar. A brincadeira entre as crianças nos fornece vários elementos de análise e que registrando servem de encaminhamentos para a ação docente com esse grupo de crianças.

O que queremos indicar é a necessidade de quando registramos a produção cultural das crianças, cabe nos perguntar: Como as crianças produzem a cultura infantil? Quais os significados que estão implícitos nas rotinas do brincar?

No excerto apresentado pensando sobre o desenrolar da brincadeira, podemos ver que há um processo em que papéis sociais vão sendo negociados, aceitos ou não; diálogos são elaborados e arranjos que envolvem o corpo, as múltiplas linguagens, as materialidades, o espaço e sua configuração, o tempo e a pausa e as convenções sociais e culturais estão muito presente em jogo nas relações entre as crianças. Analisando mais minuciosamente onde a cena se desenrola é embaixo de uma mesa, mesmo que seja organizado pelo professor como espaço circunscrito da casinha, é um lugar fechado e privado, o qual chama a atenção e aguça o interesse das crianças. Mesmo que o lugar sofre desconfiguração, sendo transformado em um consultório médico, é a brincadeira de casinha que prevalece, ou seja, o lugar privado da casa que toma maior força no brincar das crianças.

Essa brincadeira mostra que na educação infantil as representações do privado não são cópias *ipsis litteris* do mundo adulto, da cultura adulta e societal. Muitas questões vêm à tona quando refletimos o conjunto da brincadeira. Mesmo que todas as crianças cumprem papéis determinados para homens e mulheres: Fabio é o pai, Maria Eduarda é a mãe, Milena é cozinheira e Thiago é o médico, quem toma a iniciativa para chamar esse profissional é um menino, reproduzindo a “atividade”, iniciativa e domínio público tão caros à representação

do masculino em nossa sociedade. Quem se preocupa ou está sensível e mostra isso corporalmente é a mãe, tanto que a amiga lhe oferece conforto. A mãe e a cozinheira reproduzem as alianças femininas historicamente compostas contra o predomínio do poder masculino e são demonstradas no gesto de acalento quando Milena tranquiliza Maria Eduarda quanto à doença do menino. O pai solicita ajuda ao médico que, não por acaso, é homem, na brincadeira, e eles aparentemente se mantêm frios ou insensíveis diante da situação.

Na continuidade da brincadeira vemos duas transgressões dos papéis de gênero poderiam ser observadas nesse registro. Uma delas, em relação ao pai que acompanha a mãe ao consultório e toma algumas iniciativas na solução do problema de saúde do filho. A outra transgressão diz respeito à iniciativa também do pai que levanta sua camisa e amamenta o menino. É perceptível que a brincadeira centrada no imaginário infantil, que denominamos culturas infantis, faz sentido um pai amamentar. No campo simbólico as crianças podem ser o que quiserem, transgredindo as relações de poder presente em nosso sistema societal.

Quando indicamos que os professores e as professoras no fazer-fazendo da docência se coloquem como observadores, registrando e interpretando o que as crianças realizam da cultura adulta, buscando elementos para produzirem um sistema cultural entre pares, estamos, evidentemente, entre outros aspectos, nos referindo que é necessária atenção as relações de poder que se evidenciam no curso de uma brincadeira e lidar com elas de maneira que seja possível mostrar que há outras formas de construir as relações sociais.

Neste aspecto, são as crianças por meio das culturas infantis que nos fornecem dados. Cabe aos professores e professoras, em suas intencionalidades educativas e pedagógicas, problematizá-los de modo que outras relações sejam possíveis de serem construídas, em especial rompendo com o *status quo* e o *modus operandi* para recriar outras formas de ser e estar no mundo e produzir a cultura. Compreender estas questões, no entanto, exige certa iniciação na docência em educação infantil para além dos processos enraizados na escolarização, exige uma interpretação própria das especificidades do privilégio de estar com as crianças em um coletivo diariamente e reafirmar com força e vigor tais especificidades à Pedagogia da Infância.

Esta consideração é significativa para uma Pedagogia da infância feita com as crianças e não para as crianças e foge a concepções que tomam a infância como fase marcada pela falta, pela incapacidade, pela fragilidade. Ser “acontecete”, nesse sentido, remete à ideia de

ser sendo e se formando na relação consigo, com os outros, com as coisas e com a cultura produzida historicamente pela humanidade, por isto não desconsidera a historicidade do sujeito e o que carrega de marcas da temporalidade. Daí que pensar a tarefa do professor e da professora no âmbito da educação infantil não dispensa pensar relações de poder e de autoridade, tão caras à Pedagogia. Remete ainda a ideia de que, nesse processo de formação humana, a produção cultura é essencial e, a produção das culturas infantis se dá pelas brincadeiras. Na infância o ser social enquanto totalidade das estruturas ontológicas do sujeito – envolve corporeidade, memória, afetos, pensamento, imaginação, presença, diálogo, emoções; sendo a produção cultural na infância enquanto ser lançado no mundo, “ser-com” os outros no mundo compartilhado, na convivência, nas relações e nas brincadeiras infantis.

Por isso que afirmamos que a condição docente na educação infantil se realiza pelo brincar e pelas relações sociais/interações. E desse modo, pode-se acrescentar, pois, que as brincadeiras e as interações não se opõem ao trabalho docente, mas confere a este uma especificidade no seu fazer-fazendo diário. Pelas brincadeiras e pelas interações, professores e professoras de crianças pequenas as percebem como sujeitos de afeto, de sensibilidade, de valores; sujeitos que produzem cultura e as interpreta; sujeitos que participam e comunicam sentido; e que, também resistem e reexistem no mundo da cultura dos adultos.

Para analisar isto, é preciso começar definindo que o modo de realização da prática com a docência na educação infantil é diferente e não pode ser da natureza de trabalho-produção. É necessário ainda compreender que ser criança é modo de ser ocasional; não é algo determinado; o modo de ser criança é construído no jogo das relações/interações com os outros e com as coisas do mundo e da cultura, na abertura para a elaboração de percepções de si, dos outros, das coisas do mundo e da cultura humana. É no fenômeno da presença que a criança constrói modos de ser, sua condição humana, sua cultura infantil. Na presença com os outros no mundo compartilhado, nas relações e interações do aqui e agora, nas relações com a cultura já produzida e presente no seu meio social, a criança produz a sua cultura infantil. Produz a sua própria experiência nas brincadeiras. A educação no contexto coletivo das instituições de educação infantil precisa compreender para preservar esses princípios.

Considerações propositivas

Pensar o fazer-fazendo da docência atravessado pela cultura infantil significa analisar o contexto da escola da infância como lugar privilegiado das brincadeiras e interações das e entre as crianças. Mas significa também identificar os papéis sociais assumidos por meninos e meninas no jogo e na brincadeira, os quais estão sendo pautados por construções culturais que mesmo, em alguns momentos, sendo situados no plano simbólico ou imaginário, estão carregados de estereótipos e preconceitos do sistema societal. Nossa indicação nesse estudo é, para captar e registrar as construções culturais das crianças, precisamos estar de frente para as brincadeiras e interações delas, precisamos estar com as crianças e não somente com as atividades em folha A4. Somente dessa forma, podemos problematizar formas e visões essencialistas e naturalizantes que denotam um olhar e um modo de se posicionar em relação à educação infantil.

Nesse sentido, nossos estudos, pretendem conceber a docência no seu fazer-fazendo numa perspectiva muito diferente, o que nos permite dizer que os adultos também podem aprender nas brincadeiras junto com as crianças. O que também nos leva a dizer que a docência não se faz sem as crianças e que as intencionalidades presentes nos planejamentos dos professores e professoras, também o projeto coletivo de educação e cuidado em uma instituição de educação infantil envolve conhecer e reconhecer as crianças como sujeitos sociais e produtores de culturas. Tais possibilidades proporcionam a transformação de muitos elementos enraizados e presentes na cultura docente e escolarizante das crianças pequenas. Entretanto, para aceitar isso, é preciso conceber as crianças desde bebês como inseridos em uma categoria geracional que tem valor em si.

A questão central de nossas indagações é: o que fazer para que as brincadeiras tenham o estatuto de conhecimento, descoberta, imaginação, criatividade e produção cultural infantil, no contexto da educação infantil? A brincadeira parece estar em oposição ao trabalho, sendo que brincar fica do lado das crianças e trabalhar fica do lado dos adultos. Tanto que geralmente quando as crianças estão brincando livremente, interagindo entre si, os professores e professoras estão fazendo algo que consideram de maior importância; colando recado na agenda, preparando uma atividade em folha, organizando um material, confeccionando um mural, organizando o armário, conversando com outro profissional, limpando gavetas, etc. Presenciamos que quase sempre estão de costas para as brincadeiras das crianças. Prado e Martins Filho (2011) ao trazer a complexidade da infância que reverbera

na complexidade da docência já questionaram: Como romper com as dicotomias brincadeiras/trabalho, escola dos maiores/contextos de educação infantil, cultura adulta/cultura infantil, corpo/mente? As nossas oposições binárias tão presentes no âmbito da educação, que não permite considerar o educar como a arte do viver.

Para nós uma visão mais apurada daquilo que as crianças fazem quando brincam ou expressam nos contextos de educação infantil pode sugerir aos professores e professoras que meninos e meninas fazem parte e contribuem para a construção dos processos sociais e cultural e isso precisa adentrar na cultura docente. As crianças desde bebês quando reivindicam espaços, tempo e materialidades para brincar e interagir, seja por meio da oralidade, do choro, da expressão de tristeza ou alegria, elas estão evidenciando seu potencial criador, transgressor e autoral, comportamentos às vezes adormecidos em nós adultos. Isso importa, porque ainda é possível que nós adultos reaprendamos a brincar, movimentar, sentir e, também, porque ainda é possível às crianças experimentarem inúmeros papéis, podemos nos humanizarmos com as culturas infantis! Para além de hierarquizações de seres humanos em categorias fechadas, como poder, relações, dominação e controle precisam ser constantemente desmistificados, um reposicionamento de professores e professoras em seu papel no exercício da docência. Isso torna-se essencial para ampliar as concepções de trabalho docente, amplamente falando de cultura docente na educação infantil. Por fim, implica também em repensar e refletir sobre a formação inicial e continuada proposta no âmbito das redes e sistemas de ensino, bem como, nas universidades no que tange a formação para a docência na educação infantil em diálogo com nossas crianças e o viver o presente em sua plenitude.

Referências

FERREIRA, Maria Manuela Martinho. Do “avesso” do brincar ou... as relações entre pares, as rotinas da cultura infantil e a construção da(s) ordem(ens) social(ais) instituintes(s) das crianças no jardim-de-infância. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Portugal: ASA, 2002. cap. 3, p. 55 -104.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Trad. Cristina Antunes & João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MARTINS FILHO, Altino José. **Minúcias da Vida Cotidiana no Fazer-Fazendo da Docência em Educação Infantil**. Florianópolis: Editora Insular, 2020, p. 260.

MARTINS FILHO, Altino José, PRADO, Patrícia Dias. **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. São Paulo: Autores Associados, 2011, p. 210.

MARTINS FILHO, Altino José e MARTINS FILHO, Lourival José. **Educação Infantil: Especificidades da docência**. Florianópolis: UDESC, 2013.

MARTINS FILHO, Altino José e MARTINS FILHO, Lourival José. Relações Sociais e Educação Infantil: Percursos, Conceitos e Relações de Adultos e Crianças. In: **32a Reunião Anual da ANPED**. Caxambu/MG: 2012. Texto disponível em: www.anped.org.br

Sobre os Autores

Altino José Martins Filho

Historiador (UFSC); Pedagogo (UNINOVE); Especialista em História Social (UDESC); Mestre em Educação e Infância (UFSC); Doutor em Educação (UFRGS) com ênfase em Estudos sobre Infâncias. Pós-doutor pela UDESC/FAED/PPGE/PNPD/CAPES. Professor efetivo de Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Pesquisador no Grupo de Pesquisa Didática e Formação Docente/NAPE. Professor colaborador no PPGE/UDESC/FAED. E-mail: altinojosemartins@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1260-2992>

Lourival José Martins Filho

Pedagogo (UDESC); Especialista em Alfabetização (UDESC); Mestre em Educação e Cultura (UDESC); Doutor em Teologia com ênfase em Educação e Religião pela Escola Superior de Teologia - EST/RS. Pós-Doutorado em Educação e Religião na Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Na UDESC/FAED é Professor Titular de Alfabetização e Estágio Curricular Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Leciona no Departamento de Pedagogia, no Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado e no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação - Mestrado Profissional. Coordena o Programa de ensino, pesquisa e extensão Caminhos. É Coordenador Institucional do Programa Residência Pedagógica. Presidente da Associação Brasileira de Alfabetização. E-mail: lourivalfaed@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8464-7236>

Recebido em: 11/10/2022

Aceito para publicação em: 01/11/2022